B"H

PARASHAT TETSAVÊ

Este estudo é dedicado à elevação da alma de Esther Alpern a"h

Favor não transportar este impresso no* Shabat*; após o* Shabat*, estará à sua disposição

O nome de Moshê não é mencionado uma vez sequer na *Parashá* de *Tetsavê*. Na verdade, desde o nascimento de Moshê até o final da *Torá*, esta é a única *Parashá* na qual o nome de Moshê não consta. Esta omissão resultou daquilo que Moshê proferiu sobre si mesmo. Após o pecado do bezerro de ouro, ele disse a *Hashem*: "Se não perdoares este pecado, imploro-Te, apaga-me do Teu livro, que Tu escreveste!" Apesar de D'us ter perdoado os israelitas, a punição que Moshê invocou sobre si foi parcialmente realizada. *Hashem* apagou o nome de Moshê da *Parashá* de *Tetsavê*. As palavras de um *tsadic* realizam-se (mesmo se a condição vinculada a ela não tiver efeito).
Este é apenas um exemplo de quão extensos podem ser os efeitos da palavra falada. Todas as obras de ética judaica enfatizam o grande cuidado que se deve tomar ao falar.
A fala é uma arma poderosa, que pode infligir feridas mortais a grandes distâncias. Assim como palavras ásperas podem ferir quando dirigidas contra outra pessoa, também podem ser autodestrutivas. O *Talmud* adverte que uma pessoa não deve falar mal nem mesmo de si própria. Se alguém denigre a si mesmo, outros também poderiam denegri-lo.
A omissão do nome de Moshê nesta porção da *Torá* tem um importante significado. Se uma maldição condicional, que faz parte de uma apelação passional por perdão a *Benê Yisrael*, pode ter conseqüências desfavoráveis, muito mais quando as palavras são proferidas com hostilidade, seja contra si, seja contra outros.

A *mitsvá* de doar azeite para a *Menorá*
Logo após as várias instruções referentes à construção do *Mishcan* (Tabernáculo) e seus utensílios sagrados, *Hashem* deu uma nova *mitsvá*. Ordenou que azeite de oliva fosse doado para a *Menorá*.
Moshê disse ao povo: "Se algum de vós tem azeite de oliva apropriado para acender a *Menorá* no *Mishcan,* dê-o a mim."
Explicou: "Somente as primeiras gotas extraídas da azeitona podem ser utilizadas para a *Menorá*. As primeiras gotas são perfeitamente claras e sem sedimentos, e produzem luz mais brilhante. O resto do azeite pode ser utilizado nas oferendas de *minchá*, ofertas de farinha que são levadas ao altar, mas não para a *Menorá*."

O que nos ensina o fato de que somente as primeiras gotas de óleo eram permitidas para a *Menorá*
Aprendemos uma grande lição do fato de que utilizava-se apenas as primeiras gotas de óleo para o acendimento da *Menorá*, enquanto que, para oferendas, o óleo da segunda prensagem também era permitido.
Um judeu observante de *Torá*, em geral, procura garantir que o alimento que sua família consome seja *casher*. Mas este mesmo indivíduo está bem menos preocupado com o "alimento para o intelecto" que entra em sua casa sob a forma de literatura ou mídia.
De acordo com o ponto de vista da *Torá*, o "azeite para a *Menorá*", que representa o intelecto, deve ser o mais puro possível. O azeite para *Menorá* é superior ao óleo da oferenda (simbolizando nutrição). A *Torá* insiste que nossa mente deve ser nutrida apenas com as informações mais puras e refinadas.

Porque o azeite de oliva foi escolhido por *Hashem*?
Por que *Hashem* escolheu o azeite de oliva para o acendimento, em vez de qualquer outro tipo de óleo?
A resposta é que *Benê Yisrael* são comparados à oliva.

De que forma o povo judeu é similar à oliva?
√ A oliva emana seu precioso líquido apenas depois de ter sido processada através de prensagem e batidas. Similarmente, como resultado de terem sido banidos de um lugar para outro pelos outros povos e serem perseguidos, *Benê Yisrael* purificaram seus corações e retornaram a *Hashem*.
A essência interior de um judeu é pura. É só sua má inclinação (*yêtser hará*) que o impede de servir a *Hashem*.
Uma vez que a camada exterior é removida por pressão externa, sua natureza de santidade se reafirma.
√ Todos os líquidos, quando misturados, mesclam-se numa mistura homogênea. O óleo é uma exceção, não se mistura, mantém-se separado. Assim também, *Benê Yisrael* é a única nação na história que não foi engolida pelos povos mas guardou, e continuará guardando para sempre, sua identidade distinta.

Como a *Menorá* era preparada para o acendimento
Geralmente um *cohen* acendia a *Menorá*. Somente um *cohen* podia limpá-la e prepará-la.
Todas as manhãs um *cohen* entrava na seção *côdesh* do *Mishcan* ou do *Bet Hamicdash* e subia as escadas que conduziam à *Menorá*. Tirava as cinzas de todas as lâmpadas, tirava os pavios queimados, colocando novos.

Então, derramava azeite de oliva em cada lâmpada de um cântaro que continha meio *lug* (aproximadamente 250 ml) de azeite de oliva *casher*. Fazia isto todas as manhãs, mas não acendia a *Menorá* até a tarde.
A quantidade de óleo necessária para arderem até a manhã seguinte era calculada de acordo com a quantidade necessária para durar durante as longas noites de inverno. Contudo, a mesma quantidade era utilizada toda noite, até nas curtas noites de verão e, como resultado, sobrava algum óleo nas manhãs de verão.

O milagre da lâmpada central
Todas as manhãs, o *cohen* que entrava para limpar a *Menorá* presenciava um milagre. As sete luzes da *Menorá* deveriam ter-se extinguido, pois o azeite que o *cohen* havia acendido na tarde anterior não podia durar mais que doze horas: até a manhã seguinte. Porém – incrivelmente, sempre encontrava a luz do meio das sete ainda acesa! Como era possível? Tratava-se claramente de um milagre, um sinal de *Hashem* para demonstrar aos judeus que Sua Divindade repousava no *Mishcan*.
Este mesmo *cohen* não tocava na luz do meio, mas limpava as outras seis lâmpadas e colocava novos pavios. O *cohen* que entrava à tarde encontrava a luz do meio acesa! Usava então esta luz para acender as outras seis. Somente depois de fazê-lo apagava a luz do meio, limpava as cinzas dessa lâmpada e voltava a acendê-la.
A luz do meio, também chamada *ner maaravi*, mantinha-se acesa assim, constantemente, não apenas no *Mishcan*, mas também no *Bet Hamicdash*.

Certa vez, a colheita de azeitonas para óleo foi muito pobre em *Êrets Yisrael*, e havia apenas uma pequena quantidade de óleo para acender a *Menorá*. Os *cohanim,* entristecidos, choraram. Porém, durante o período de escassez de óleo, o milagre que geralmente só ocorria com a lâmpada central aconteceu com a *Menorá* inteira. Apesar da quantidade insuficiente de óleo, as lâmpadas da *Menorá* ardiam brilhantes a noite toda.

A importância da *Menorá* e o que ela simboliza
A *mitsvá* de acender a *Menorá* era tão grande que *Hashem* proclamou: "A luz da *Menorá* é mais preciosa para Mim que a luz do sol ou da lua!"
Hashem não ordenou que a *Menorá* fosse acesa por Sua causa, pois Ele não precisa da luz dos mortais. Pelo contrário, é Ele que ilumina o universo inteiro.

Certa vez, um homem com visão perfeita e seu amigo cego queriam ir para casa juntos. O homem disse ao amigo: "Deixe-me guiá-lo de modo que chegue em casa com segurança." Quando chegaram à casa, ocorreu ao homem que enxergava que o amigo cego certamente poderia estar deprimido com a idéia de seu desamparo. Por isso, pensou numa idéia para animá-lo. "Por favor, acenda a luz para mim", solicitou ao amigo cego. Apesar de realmente não precisar do serviço do outro, fez este pedido em consideração ao amigo deficiente.

Similarmente, *Hashem* não necessita de nossa luz. Pediu-nos para acendermos a *Menorá* para Ele a fim de nos conceder méritos.
Para demonstrar que *Hashem* não precisa da luz dos seres humanos, as janelas do *Bet Hamicdash* eram construídas de maneira bastante singular. Ao invés de serem largas por dentro e estreitas por fora (permitindo a entrada de luz), aquelas janelas eram construídas estreitas por dentro e largas em direção ao exterior. Isso demonstrava que a luz partia do *Bet Hamicdash* em direção ao mundo.
A mesma idéia também era simbolizada pelo fato de que a *Menorá* não ficava no Santo dos Santos, o "aposento particular" de *Hashem*. Em vez disso, *Hashem* ordenou que fosse colocada no *Côdesh* (Santo). Assim, a Mesa ficava no *Côdesh*, e não no Santo dos Santos, demonstrando que *Hashem* não precisa da comida dos mortais.

Atualmente, estamos impossibilitados de doar azeite para a *Menorá* do *Bet Hamicdash*. Em seu lugar, é uma *mitsvá* iluminar sinagogas e casas de estudo.

***Hashem* ordena consagrar os *cohanim* com vestes sacerdotais**
Hashem disse a Moshê: "Diga a seu irmão Aharon: *Hashem* te escolheu para que sejas o *Cohen Gadol*, o Sumo Sacerdote, responsável pela *avodá*, o serviço de *Hashem* no *Mishcan*. Teus filhos e teus descendentes serão *cohanim* que cumprirão Meu serviço."
Hashem também comunicou a Moshê: "O Sumo Sacerdote e os *cohanim* devem usar adornos especiais durante o serviço. Os adornos do Sumo Sacerdote serão extremamente belos, mais do que vestes de qualquer rei. Serão vestes iguais às trajadas pelos Anjos Ministros no Céu.
"Quando os judeus virem os *cohanim* com trajes de glória e esplendor (*lechavod uletif'áret*), compreenderão que são pessoas especiais e os tratarão com respeito. Estes adornos também recordarão aos próprios *cohanim* que são diferentes. Isto os ajudará a servir melhor a *Hashem*."

A glória advém à pessoa por causa das habilidades concedidas por D'us, enquanto esplendor se refere ao respeito que granjeou através de suas próprias realizações.
As vestimentas significavam ambos: a glória devida aos *cohanim* como resultado de sua nomeação como servos de *Hashem* e o esplendor espiritual resultante de seus próprios esforços.

O fato de que os *cohanim* só poderiam realizar o serviço trajando as vestimentas indicava a santidade de seus atos. Isto nos ensina que quando um judeu reza ou cumpre uma *mitsvá* deve ser cuidadoso no vestir, e conduzir-se com dignidade e respeito perante D'us.

Até as nações do mundo perceberam que estas vestes eram trajes de distinção.
O rei Achashverosh fez um banquete que durou cento e oitenta dias, a fim de demonstrar sua grandeza e poder. A cada dia do banquete, revelava diferentes tesouros aos olhos do povo. Dentre outros itens valiosos, também mostrou as vestes e adornos do Sumo Sacerdote. Nevuchadnêtsar levou-os à Babilônia quando destruiu o *Bet Hamicdash*, e desde então, foram cuidadosamente preservados nos tesouros reais da Babilônia.
Benê Yisrael foram comandados a contribuir com material para as vestes sacerdotais. A tarefa de tecê-los poderia ser preenchida por qualquer homem ou mulher sábios, cujo coração estava pleno de temor aos Céus.

Bigdê kehuná*, as vestes dos *cohanim
O *cohen* comum (*cohen hedyot*) tinha quatro vestes e o Sumo Sacerdote usava oito adornos. As vestes do *cohen* comum eram:
1. *Ketonet* – uma camisa comprida
2. *Michnassayim* – calças
3. *Avnet* – um cinturão
4. *Migbaat* – um turbante

O Sumo Sacerdote também usava estes trajes, exceto este turbante. Enquanto o turbante do *cohen* comum apontava para cima, o turbante do Sumo Sacerdote era redondo e chamava-se *mitsnefet*.

Os adornos do Sumo Sacerdote:
1. *Ketonet* – uma camisa comprida
2. *Michnassayim* – calças
3. *Avnet* – um cinturão
4. *Mitsnefet* – um chapéu diferente do turbante do *cohen* comum

Além dos itens acima, o Sumo Sacerdote trajava quatro vestes de ouro, chamadas *bigdê zahav*. Eram esses:
5. *Chôshen* – uma placa que cobria o peito
6. *Efod* – um avental
7. *Meil* – uma jaqueta
8. *Tsits* – uma faixa para a cabeça

A única parte do corpo do *cohen* que permanecia descoberta eram os pés.
A *Torá* ordena que o *cohen* cumpra o seu serviço descalço, pois o piso de terra do *Mishcan* e as pedras do piso do *Bet Hamicdash* eram sagradas e *Hashem* desejava que os pés dos *cohanim* tocassem o solo.

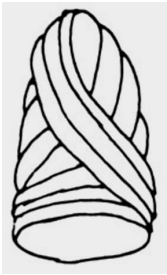
Mais detalhes a respeito das vestimentas sacerdotais

***COHEN* COMUM**
***Ketonet*, a camisa longa**
A *ketonet* era feita de linho branco e chegava até as plantas dos pés.

***Avnet*, o cinturão**
O *cohen* usava o cinturão por cima da camisa. O cinturão era muito longo – cerca de 19 metros – e dava muitas voltas ao redor da cintura. Era feito de tela colorida.

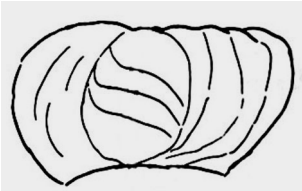
***Michnassayim*, as calças**
As calças eram curtas e feitas de linho branco.

***Migbaat*, o turbante**
Ao redor da cabeça do *cohen* colocava-se uma cinta de linho branco que dava muitas voltas até formar um chapéu que terminava em ponta.

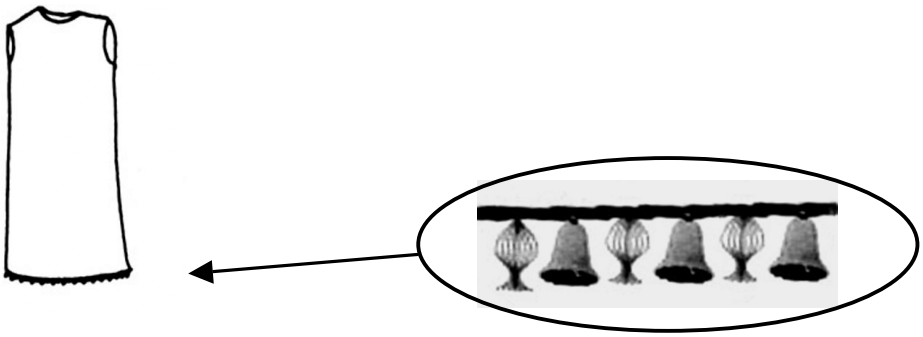


COHEN GADOL
O Sumo Sacerdote usava uma camisa longa (*ketonet*), um cinturão (*avnet*) e calças (*michnassayim*).

Vestes adicionais:
***Mitsnefet*, o turbante**
O turbante do Sumo Sacerdote também era feito de uma tira de tela branca e enrolado ao redor da cabeça, mas era chato na parte superior.



***Meil*, o manto**
O manto era de lã azul, com sinos de ouro pendentes. A cada dois sinos havia adornos de lã semelhantes a romãs. Quando o Sumo Sacerdote caminhava, os sinos tilintavam, para anunciar a chegada do Sumo Sacerdote no *Mishcan*, e sua saída deste.



Por que o manto tinha sinos?
Hashem tinha várias razões para ordenar que se colocassem campainhas ao redor do manto.
1. Os sinos serviam de lembrança ao próprio Sumo Sacerdote. Quando escutava o tilintar, compreendia quão importante era o sua função e dava o melhor de si para cumprir com todas as partes do seu trabalho cuidadosamente, com os pensamentos adequados.
2. As campainhas também ajudavam *Benê Yisrael.* Quando escutavam o tilintar, sabiam que o Sumo Sacerdote estava fazendo o serviço Divino, e participavam orando neste momento.

Aprendemos do fato de que a entrada do Sumo Sacerdote era anunciada, que a pessoa não deve entrar em sua própria casa inesperadamente. Infere-se, então, que logicamente não se deve irromper na casa de terceiros, mas sim, bater, tocar a campainha ou indicar sua chegada de alguma outra maneira.

***Tsits*, a faixa usada na testa**

Antigamente todos os judeus usavam *tefilin* o dia todo. Além de usar *tefilin*, o Sumo Sacerdote também usava o *tsits* na sua fronte. O *tsits* era uma faixa de ouro na qual estavam gravadas em relevo as palavras: "*Côdesh laHashem*: santo para *Hashem*", (a palavra *Hashem* estava escrita com quatro letras Y-H-V-H). Era atada à cabeça através de três fitas azul celeste.

Como o *tsits* possuía alto grau de santidade, o Sumo Sacerdote tinha de comportar-se com o devido respeito ao portá-lo. Não lhe era permitido desviar a atenção do fato de que estava levando o Nome Divino em sua testa.

O comportamento do Sumo Sacerdote enquanto portava o *tsits* constitui uma importante lição para nós, quando colocamos *tefilin*. Ao usar o *tsits*, o *Cohen Gadol* tinha de concentrar-se constantemente no Santo Nome de *Hashem*. Alguém que está com *tefilin*, no qual o Nome Divino aparece numerosas vezes, certamente não pode desviar os pensamentos deste.

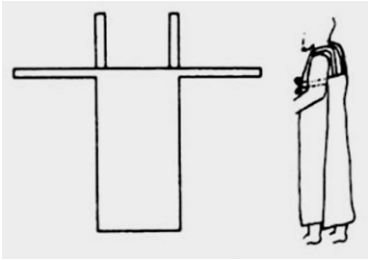
O *tsits* era tão sagrado que fazia todo judeu que o olhasse sentir-se envergonhado de suas falhas. Então, quando o Sumo Sacerdote usava o *tsits*, isto era um mérito para *Benê Yisrael*. *Hashem* perdoava os seus pecados pois o *tsits* os ajudava a se aprimorarem.

***Efod*, o avental**

O *efod* era multicor, magnificamente tecido, e tinha aspecto parecido ao de um avental. Em lugar de cobrir a frente e amarrar-se atrás, o Sumo Sacerdote o usava atrás e o amarrava adiante.

Na parte posterior era seguro por meio de duas alças que passavam por cima dos ombros até a frente. Em cada alça havia uma pedra preciosa incrustada, sobre a qual estavam gravados os nomes de seis tribos. Os nomes das demais seis tribos apareciam sobre a outra pedra preciosa.

Na frente, as duas alças sobre os ombros estavam presas a duas fivelas de ouro, das quais pendia a placa peitoral.



***Chôshen*, a placa sobre o peito**

O *chôshen mishpat* era feito de um material belamente tecido. Era quadrado, e se dobrava ao meio, de tal modo que formava um bolso.

Neste bolso, encontrava-se um pergaminho, conhecido com *Urim Vetumim* no qual estava escrito o Inefável Nome de *Hashem*.

Como o *Urim Vetumim* era sagrado, a placa era o mais importante de todos os adornos (assim como a Arca era o mais importante de todos os objetos do *Mishcan* e *Bet Hamicdash*).

As pedras preciosas da placa peitoral

Hashem ordenou que se pusessem doze pedras preciosas engastadas sobre o material tecido do peitoral. Sobre cada pedra estava escrito o nome de uma das doze tribos.

Além desses nomes as pedras possuíam também as seguintes palavras na placa peitoral: "Avraham, Yitschac, Yaacov, *Shivtê Yeshurun*." Estas palavras adicionais estavam distribuídas sobre todas as gemas, de tal maneira que cada pedra tinha o total de seis letras.

Assim, todas as letras do *alef-bet* estão incluídas na placa. Porque a placa deveria conter todas as letras possíveis? Quando *Benê Yisrael* precisava consultar *Hashem* sobre assuntos importantes, essas letras se iluminavam, formando sentenças, a fim de transmitir a resposta de *Hashem*.

A placa portava os nomes de nossos patriarcas e das tribos, para servir como lembrete do mérito de nossos grandes antepassados e o das tribos. As quatro colunas aludem ao mérito de nossas quatro matriarcas. Esses méritos auxiliavam o Sumo Sacerdote a obter expiação para *Benê Yisrael.*
Enquanto o Sumo Sacerdote usava a placa, não esquecia *Benê Yisrael*. Tinha-os presentes (simbolizados pelo nome das tribos) enquanto cumpria o serviço Divino. Ao rezar, pedia que *Hashem* os ajudasse e abençoasse.

A primeira fileira de pedras preciosas:
Odem (rubi) - Reuven
Pitdá (esmeralda) - Shim'on
Bareket (topázio) - Levi

A segunda fileira:
Nofech (carbúnculo) - Yehudá
Sapir (safira) - Yissachar
Yahalom (diamante) - Zevulun

A terceira fileira:
Leshem (jacinto) - Dan
Shevó (ágata) - Naftali
Achlama (ametista) - Gad

A quarta fileira:
Tarshish (crisólito) - Asher
Shoham (ônix) - Yossef
Yashfe (jaspe) - Binyamin

Como as pedras foram cortadas
As duas pedras preciosas das alças do avental e as doze pedras preciosas da placa deviam ser cortadas de um certo tamanho. Porém *Hashem* proibiu que se usasse uma faca ou qualquer outro instrumento para as cortar. As pedras incrustadas deveriam ser perfeitas, sem faltar a menor lasquinha sequer. Portanto, as letras sobre as gemas não poderiam ser gravadas através de instrumentos ou ferramentas, pois isto faria com que as gemas ficassem ligeiramente lascadas.
Como então, cortar as pedras? Moshê sabia que *Hashem* havia criado na véspera do primeiro *Shabat* dos Seis Dias da Criação um inseto, pequeno como um grão de cevada, que possuía a maravilhosa habilidade de cortar qualquer material, inclusive a mais dura rocha, simplesmente passando por cima. Este inseto surpreendente se chamava *shamir*.
Moshê ordenou que se trouxesse o *shamir*. Os nomes das tribos foram escritas à tinta sobre as gemas. O *shamir* foi passado pelas pedras preciosas, e estas se cortaram exatamente sobre a linha marcada pelo artesão.
Quando o *Bet Hamicdash* foi destruído, o *shamir* desapareceu.

***Urim Vetumim*, o pergaminho contendo o Nome de *Hashem* embutido na placa**
Como mencionamos anteriormente, a placa peitoral foi feita de tal modo que era dobrada ao meio, formando um bolso. Neste bolso Moshê inseriu um pergaminho sobre o qual escreveu o Inefável Nome de Hashem composto de setenta e duas letras.
Este nome fazia com que certas letras se acendessem em resposta às questões que lhe eram perguntadas.

O nome U*rim Vetumim* significa:
Urim – as letras se acendiam (da raiz *or*, luz)
Tumim – sua resposta era final e inalterável (derivado de *tam*, perfeito)
Por isso, a placa peitoral além de ser chamada simplesmente de *chôshen* era também conhecida como *chôshen mishpat* (*mishpat* – sentença), uma vez que a decisão final (*mishpat*) sobre cada assunto duvidoso era alcançada através da iluminação das pedras.

Apenas assuntos referentes ao rei, ao *Bet Din* (Tribunal) ou a *Benê Yisrael* como um povo poderiam ser consultados através das pedras. Não era permitido questioná-los para propósitos particulares.
O questionador costumava ir ao Sumo Sacerdote, que portava os *Urim Vetumim*. O Sumo Sacerdote voltava sua face em direção à Arca (sobre a qual a Divindade pairava), e o inquiridor, de pé atrás dele, tinha de perguntar a questão em voz baixa, no tom de quem está rezando. O Sumo Sacerdote era então inspirado pelo Espírito Divino (*ruach hacôdesh*). Ao olhar para as letras da placa que se acendiam, podia combiná-las corretamente e decifrar a resposta de *Hashem*.
Os *Urim Vetumim* foram consultados por *Benê Yisrael* durante o período bíblico. Pararam de funcionar com a destruição do primeiro *Bet Hamicdash*.

Aharon recebeu o privilégio de portar o nome Divino sobre seu coração como recompensa por sua felicidade, ao ouvir que seu irmão menor Moshê fora escolhido como líder para redimir *Benê Yisrael*. *Hashem* disse: "Que o coração que não sentiu inveja porte a placa contendo o Meu Nome!"

O convertido que queria tornar-se um *Cohen Gadol*

Certa vez, um não-judeu passou por uma sinagoga e ouviu a voz do rabino ensinando as crianças: "Estas são as vestes que devem fazer: a placa peitoral, o avental…" O mestre lia a *Parashá* sobre os adornos do Sumo Sacerdote. O não-judeu parou e indagou: "Quem recebe todas essas roupas maravilhosas?" "O Sumo Sacerdote judeu" – responderam. O não-judeu pensou: "Vou me converter para poder usar estas roupas gloriosas!"

Dirigiu-se à casa de estudos do Sábio Shamai. "Aceite-me como um convertido ao Judaísmo, com a condição de que me torne Sumo Sacerdote!" Shamai expulsou-o com o bastão que estava em suas mãos. (Agiu assim de boa fé, a fim de proteger a honra da *Torá*. Considerou o pedido uma afronta à *Torá*.)

O pretenso convertido então tomou o rumo da casa de estudos do Sábio Hilel, e repetiu seu desejo de converter-se ao Judaísmo a fim de se tornar Sumo Sacerdote. Hilel aceitou-o. Contudo, advertiu-o: "Antes de assumir uma posição elevada, uma pessoa deve familiarizar-se com as regras de conduta pertinentes. Vá estudar as leis referentes ao sacerdócio!"

O homem estudou *Torá*, e logo chegou ao versículo: "O não-*cohen* que se aproxima disso (do serviço sacerdotal) morrerá." "A quem este versículo se refere?" inquiriu. Disseram-lhe: "A qualquer um que não nasceu da família de Aharon, até mesmo o próprio Rei David!"

O convertido compreendeu o total significado dessas palavras. Raciocinou: "Se mesmo um judeu de nascimento não pode assumir as funções de um *cohen*, eu, um estrangeiro, certamente não poderia tornar-me um!" Voltou a Shamai e disse-lhe: "Por que não disse que não poderia me tornar um Sumo Sacerdote, uma vez que a *Torá* proíbe um não-*cohen* de realizar o serviço?"

Para Hilel, disse: "Que possa se tornar o receptáculo de todas as bênçãos Celestiais. Sua humildade trouxe-me para sob as asas da *Shechiná*."

Mais tarde, esse convertido teve dois filhos. Chamou um de Hilel, e o outro de Gamliel (o nome do neto de Hilel). Sua família ficou conhecida como "*guerê Hilel* – os convertidos de Hilel."

Leis relacionadas às vestes sacerdotais

Os trajes dos *cohanim* eram sagrados, e portanto muitas leis se aplicavam a eles. Eis aqui algumas delas:

1. Somente um *cohen* podia vesti-los. Um *levi* ou um judeu comum não podia nem experimentá-los.
2. Um *cohen* somente podia usá-los se estivesse no *Mishcan* ou no *Bet Hamicdash*. Ao sair, deveria tirá-los.
3. Um *cohen* não podia dormir com estas vestes, pois seria uma falta de respeito.
4. Um *cohen* deveria portar exatamente os adornos que a *Torá* lhe ordena. Se lhe faltar uma só das vestes estipuladas enquanto cumpre um ato de serviço, seu trabalho não é válido.

Uma família diferente foi designada para cada uma das muitas tarefas no B*et Hamicdash*. Por exemplo, a família de Garmo assava os pães da proposição (*lechem hapanim*), e a família de Avtinas era encarregada de fabricar incenso (*ketôret*). A família de Pinchas estava encarregada das vestes dos *cohanim*. Costumavam vestir os *cohanim* antes do serviço (*avodá*), despi-los ao final do serviço, e supervisionar o armazenamento das roupas em câmaras especiais.

Como as vestes dos *cohanim* ajudavam *Benê Yisrael*

Quando os *cohanim* colocavam os adornos sacerdotais, *Hashem* o considerava um mérito para todo *Benê Yisrael*.

As vestes dos *cohanim* ajudavam os judeus de duas maneiras:

1. *Hashem* perdoava determinados pecados cometidos pelos judeus porque os *cohanim* vestiam estes trajes.

Por exemplo, o manto do Sumo Sacerdote ajudava os judeus a serem perdoados por falar *lashon hará*. (É óbvio que também deviam fazer *teshuvá*.)

As campainhas costuradas na parte inferior do manto também tinham uma função elevada. Quando *Hashem* escutava seu tilintar, perdoava os judeus pelos sons pecaminosos que haviam emitido ao falar *lashon hará.*

O resto dos adornos dos *cohanim* servia para expiar outros pecados de *Benê Yisrael*: A camisa expiava o assassinato e a placa perdoava a adoração de ídolos.

Como era benéfico para os judeus que os *cohanim* cumprissem o serviço de *Hashem*. Quem dera possamos vê-los em ação novamente!

2. Os trajes dos *cohanim* também ajudavam *Benê Yisrael* a vencer as guerras. Eram semelhantes a uniformes de soldados. Quando os *cohanim* usavam seus uniformes sagrados no *Mishcan*, *Hashem* recordava os soldados judeus no campo de batalha e os fazia triunfar.

Portanto, os adornos dos *cohanim*, beneficiavam todo o povo judeu.

A mulher que foi recompensada tendo todos seus filhos como Sumo Sacerdotes

Todos os sete filhos de uma senhora chamada Kimchit tornaram-se Sumo Sacerdotes. Os Sábios ficaram maravilhados com a extraordinária honra que *Hashem* concedeu a esta mulher. Enviaram-lhe um mensageiro para indagar-lhe: "Quais seus feitos, para que você fosse assim distinguida?" Ela replicou: "Nem mesmo as paredes de minha casa jamais viram meus cabelos descobertos!" Durante toda sua vida não havia revelado seus cabelos a ninguém, nem mesmo às vigas do seu teto. Por isso, seus filhos tiveram o privilégio de adentrar, em *Yom Kipur*, o local mais oculto e reservado possível, o Santo dos Santos.

Os Sábios, então, comentaram: "O versículo de *Tehilim* (45:14) certamente aplica-se a Kimchit. *Col kevudá bat mêlech penima, mimishbetsot zahav levushá* / A dignidade da princesa encontra-se no interior, ela será adornada com quadrados dourados."

Eles interpretaram esse versículo como significando que uma mulher de grande recato é recompensada com filhos que vestem a placa peitoral de quadrados dourados.

Apesar de ser permitido pela lei a Kimchit descobrir os cabelos quando estava sozinha, evitou fazê-lo por reverência e recato na presença do Todo Poderoso. Por isso, tornou-se mãe de filhos que, como Sumo Sacerdotes, mereceram uma intensa experiência da presença de *Hashem*.

Kimchit procurou manter sua grandeza encoberta, mas esta foi revelada para todas as gerações. Normalmente, quando o *Talmud* registra o nome de um homem, o faz mencionando o nome de seu pai. Porém, Shim'on e Yehudá *ben* Kimchit são eternamente lembrados como filhos da sua virtuosa mãe.

Um Sábio do século passado, o *Chafets Chayim* perguntou a *Rabi* Meir Karelits (irmão do *Chazon Ish*), e ele próprio um *Gaon* (prodígio), como seus pais mereceram ter filhos de tão extraordinária estatura. Respondeu que fizeram a mesma pergunta a sua mãe. Ela explicou: "Há uma boa razão para isto. Quando lavo meus cabelos na véspera do *Shabat*, peço a duas mulheres que fiquem perto de mim e cubram-nos com lençóis, de modo que as paredes de minha casa não vejam meus cabelos descobertos."

Os *cohanim* se preparam para começar o serviço Divino, sendo consagrados por sete dias

Hashem explicou a Moshê que quando o *Mishcan* estivesse armado, os *cohanim* começariam o serviço Divino.

Hashem disse: "Chame os *cohanim* com palavras encorajadoras para tornarem-se Meus servos. Diga-lhes: 'Vocês são afortunados por terem sido escolhidos pelo Todo Poderoso'.

"Antes que os *cohanim* estejam prontos para começar a trabalhar no *Mishcan*, devem santificar-se e preparar-se para seu trabalho. Eles se santificavam mediante as quatro ações seguintes:

1. Devem estar presentes e observar todos os dias como tu, Moshê, ofereces três tipos de oferendas sobre o altar. Deste modo, aprenderão como ofertar os sacrifícios.
2. Devem submergir em um *micvê*.
3. Tu os ungirás com o azeite sagrado (*shêmen hamishchá*).
4. Devem usar as vestes sacerdotais todos os dias.

Cumprindo estas quatro ações durante sete dias, estarão prontos para começar a Me servir no *Mishcan*."

***Mizbêach Haketôret*, o altar de incenso**

O grande Altar sobre o qual se ofereciam todos os sacrifícios animais se encontrava no pátio do *Mishcan*, a céu aberto (como foi relatado na *Parashá* anterior, *Terumá*).

Agora *Hashem* ordenava a Moshê que construísse um segundo altar: "Este Altar será feito de madeira, recoberto de ouro. Ponha-o na seção *côdesh* do *Mishcan*, próximo à *Menorá* e à Mesa. Duas vezes por dia, de manhã e à tarde, um *cohen* queimará incenso sobre este Altar."

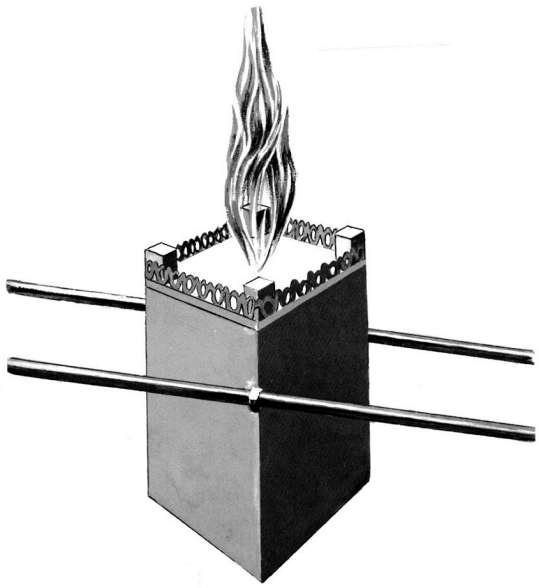
Embora o Altar do Incenso estivesse recoberto somente por uma fina camada de ouro, a madeira que havia debaixo dela jamais se chamuscava por causa do fogo que havia sobre o Altar. Este é um dos milagres conhecidos do *Mishcan*. Demonstravam aos judeus que a presença de *Hashem* estava entre eles.

Como este Altar não estava destinado a oferecer sacrifícios animais, mas apenas a queimar incenso, foi chamado *Mizbêach Haketôret*, o Altar de Incenso. Também denominava-se *Mizbêach Hazahav* (Altar de Ouro), e *Mizbêach Hapenimi* (Altar Interior).

Era proibido oferecer sacrifícios animais sobre o Altar do Incenso, exceto em *Yom Kipur*, quando o Sumo Sacerdote oferecia animais sobre ele.

Aharon foi ordenado a queimar incenso sobre este altar todas as manhãs e tardes. *Hashem* disse: "O incenso é a mais querida de todas as oferendas. Todos os outros sacrifícios expiam transgressões, mas o incenso é ofertado apenas para trazer alegria e felicidade."

Após o término da construção do *Mishcan* e todos seus objetos sagrados, depois que a Mesa e a *Menorá* foram fixadas em suas posições e os sacrifícios trazidos, a *Shechiná* ainda não havia descido. Somente quando o incenso foi oferecido a Presença Divina finalmente desceu para residir no *Mishcan*.

Por que a ordem para a construção do Altar de Incenso encontra-se no final desta *Parashá*?
Poderíamos perguntar por que a *Torá* menciona este Altar agora, ao final da *Parashá* de *Tetsavê*. Como o Altar do Incenso se colocava junto à Mesa e à *Menorá* na seção *côdesh*, por que a *Torá* não o menciona na *Parashá* anterior, *Terumá*, junto com os demais objetos que havia nesta seção?
Uma das respostas é que *Hashem* pôs o Altar do Incenso como o último dos objetos do *Mishcan* para demonstrar quão importante é. Mencionou-o fora do lugar esperado na *Torá* para que vejamos como é especial.

Por que o Altar do Incenso é tão sagrado?
As especiarias com que era feito o incenso que o *cohen* queimava sobre o Altar desprendiam aroma delicioso. Nossos Sábios nos contam que a fumaça subia direto ao céu, e era agradável a *Hashem*. Era um sinal de amor entre *Hashem* e *Benê Yisrael*. O aroma do incenso anulava quaisquer decretos Celestiais. Como queimar incenso fortalece a aproximação entre *Hashem* e o povo judeu, podemos compreender a importância deste Altar.